REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 219

21 DE JANEIRO 1885

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

O ACTOR JOÃO ANASTACIO ROSA — FALLECIDO A 17 DE DEZEMBRO DE 1884 (Segundo uma photographia de Sollas)

Pedimos uma esmola para os desgraçados andaluzes.

A este appello feito no final da chronica do n.º 218 do "Occidente„ accudiu uma nossa assignante, enviando para as victimas sobreviventes aos terramotos de Andaluzia........ 1$000 réis.

Continuamos a receber qualquer esmola com que os nossos assignantes e leitores queiram concorrer, para minorar as grandes desgraças de Andaluzia.

CHRONICA OCCIDENTAL

Paris forneceu-nos n'estes ultimos dias um assumpto interessante de conversação e de discussão — o julgamento de Madame Clovis Hugues.

O julgamento seguiu-se de perto ao crime — uma coisa que nos tribunaes de Portugal entra no numero dos impossiveis — e portanto não é necessario historiar largamente esse crime, de que todos se lembram ainda de certo, com todas as suas minuciosidades.

Madame Clovis Hugues, esposa do sr. Clovis Hugues, poeta marselhez e deputado da esquerda, matou com um tiro de revolver um tal sr. Morin, agente infame d'uma infame *Agencia de informações* — um genero de agencias que graças a Deus não penetrou ainda no nosso paiz. (1)

Esse tiro, echoou por todo o mundo, com uma sensação enorme e o procedimento de Madame Hugues começou a ser discutido na maioria com uma grande sympathia pela criminosa, que de repente assumira as proporções colossaes e heroicas d'uma protogonista de tragedia antiga.

Madame Clovis Hugues, do seu nome de donzella Joanna Royanner, é uma mulher profundamente honesta, uma esposa exemplarissima, uma casta mãe de familia que reparte a sua vida entre os affectos da esposa, e o amor enorme de seus filhos.

Um dia, ha pouco mais d'um anno, o seu nome sem mancha achou-se de repente envolvido n'uma historia infamissima de adulterio.

Uma tal sr.ª Lenormand, que no tempo do imperio tivera grande reputação de belleza, casara em segundas nupcias com um homem mais novo do que ella quinze annos.

Assaltada logo pelo demonio do ciume, a sr.ª Lenormand dirigiu-se a uma d'essas ignobeis agencias de informações que começam a fervilhar em Paris; encarregou-a de obter provas da libertinagem de seu marido, para contra elle intentar acção de desquite.

Essas agencias não hesitam nunca no seu infame officio. Quando não podem denunciar segredos que a sua vil espionagem lhes não fornece, inventam-os.

O dono da agencia encarregou um seu empregado um tal Morin, um miseravel da peior especie, um pulha de dramalhão de boulevard, de satisfazer o pedido feito pela sr.ª Lenormand, de lhe fornecer dados com que ella podesse accusar seu marido.

Morin lançou-se logo a esse cobarde e immundo trabalho, com uma actividade digna de melhor emprego e d'alli a dias apresentava á sr.ª Lenormand um relatorio em que uma porteira chamada Corbion depunha ter surprehendido, em tempo, o sr. Lenormand em criminoso idyllio com Mademoiselle Joanna Royanner.

A sr.ª Lenormand fez uso d'essa informação da agencia e foi assim que em agosto de 1883, Madame Clovis Hugues chamada a toda a pressa a Paris soube, por seu pae, a tremenda e ignobil accusação que sobre ella pesava.

Toda a mulher honesta comprehenderá o que n'esse momento se passou no espirito da sr.ª Hugues. Ferida inesperadamente na sua honra, procurou logo o fio da calumnia que contra ella se erguia terrivel e ameaçadora. Foi ter immediatamente com a testemunha secular dos amores que lhe imputavam, com a tal porteira Corbion. Esta era uma pobre mulher que entrava n'aquella historia como Pilatos no Credo.

Confessou logo que um tal Morin se apresentara disfarçado em sua casa querendo extorquir-lhe um depoimento falso contra Joanna Royanner, que ella conhecera solteira, e cujo comportamento digno e exemplar lhe era conhecido tambem. Corbion negou-se terminantemente a prestar-se ao papel que lhe offereciam juntamente com uma porção de dezenas de francos — nunca mais vira Morin nem ouvira falar no caso.

Ao saber que o infame calumniador dispensara o seu assentimento e se servira do seu nome para comprovar a calumnia, juntou-se á sr.ª Hugues, para perseguir judicialmente Morin como falsificador de depoimentos.

Munida com a declaração da porteira, a unica testemunha que se apresentava da sua calumniosa deshonra, a sr.ª Hugues dirigiu-se a casa da sr.ª Lenormand, a exigir-lhe uma retratação. A sr.ª Lenormand negou-se obstinadamente a isso e insultou-a com o seu tom desdenhoso, com allusões infames aos amores de seu marido com ella.

Allucinada perante esses insultos cobardes e infames a sr.ª Hugues puchou d'um revolver que levava, para alli mesmo, immediatamente, vingar a sua honra ultrajada. Seu marido que a acompanhava, tirou-lhe o revolver das mãos, serenou-a, e fel-a desistir do seu intento.

Não sabendo, senão pelo que lhe diziam, quaes as infamias amontoadas contra ella pela agencia d'informações, a sr.ª Hugues dirigiu-se aos tribunaes para lhe ser mostrado o processo de separação dos esposos Lenormand, processo cuja principal base eram essas infamias. Os tribunaes recusaram-se a mostrar-lhe esse processo antes de dois mezes, epocha em que se devia dar o julgamento da causa civel.

D'alli a dias a sr.ª Hugues soube que a sr.ª Lenormand movida contra ella por um odio insensato, mas implacavel, dera a outra agencia de informações quatro contos e quinhentos para angariar falsas testemunhas e falsos depoimentos contra a sr.ª Clovis Hugues

Então a diffamada, dirigiu se sósinha a casa da sua calumniadora disposta a matar de vez a calumnia, matando a sua auctora.

Mas quando lá chegou, a sr.ª Lenormand estava a expirar.

Restava apenas uma unica creatura a quem exigir a responsabilidade da diffamação, o agente Morin.

A sr.ª Hugues chamou-o aos tribunaes, que o condemnaram a dois annos de prisão.

Morin appellou da sentença e fez da liberdade, que a espera do resultado d'essa appellação lhe dava, o uso mais infame e abjecto.

Começou então em regra um combate sem treguas contra a honra da pobre senhora.

Todos os dias lhe escrevia bilhetes postaes immundos, bilhetes em que se davam os mais ignobeis e intimos promenores sobre o seu corpo, em que se lhe faziam as mais infames accusações. E esses bilhetes levavam de proposito endereços errados, para correrem mais mãos, não se dirigiam só a ella, dirigiam se a seu marido, ás pessoas das suas relações, e até Victor Hugo recebeu alguns d'elles.

E durou isto dezesseis mezes, e os tribunaes não decidiam da appellação, e a reputação, a honra da sr.ª Hugues era dia a dia esfaqueada pela traiçoeira e cobarde calumnia d'esse infame Morin.

Finalmente, não podendo mais, vendo-se tratada como a ultima das mulheres, ella a esposa honesta, a mãe de familia dignissima, resolveu fazer o que os tribunaes não faziam — vingar a sua honra ultrajada.

Um dia encontra Morin, que a olha com olhares provocantes, que tem para ella sorrisos infames, e a sr.ª Hugues pucha do seu revolver e mata a seus pés o seu insultador.

Eis o drama.

Agora o desenlace, que lhe acabam de dar os tribunaes de Paris.

O julgamento da sr.ª Clovis Hugues foi um acontecimento importante em Paris, foi um espectaculo que fez mais sensação ainda que a *Theodora* de Sardou. Sarah Bernhardt não chegou a inspirar tanta curiosidade como a Joanna Royanner.

A sala da audiencia teve uma enchente enorme, uma enchente escandalosa, ruidosa, tumultuosa que transformou a gravidade religiosa da justiça, n'um charivari de praça de touros.

Finalmente, pela alta noite, o jury recolheu-se á sala das decisões para dar o seu *veredictum* sobre o crime tão largamente debatido, e d'alli a pouco voltou á sala da audiencia dando o *veredictum* absolutorio.

A decisão do jury foi acolhida com uma ovação enorme, como uma situação d'effeito d'um drama bem urdido, a sr.ª Clovis Hugues foi posta em liberdade, e victoriada pela multidão, e nos dias immediatos a toda a hora entravam em sua casa bilhetes de felicitação, *bouquets* formosissimos, como se tratasse de festejar os annos d'uma artista celebre e adorada.

Tudo isto é extranho, profundamente extranho e presta-se a uma immensidade de commentarios, commentarios que não fazemos aqui hoje, por nos faltar o espaço e termos ainda muitos assumptos á nossa espera.

N'este drama singular ha um amalgama monstruoso de typos das mais oppostas epochas, de sentimentos, das mais diversas civilisações.

Morin, por exemplo, é uma figura perfeitamente do nosso tempo, é o pulha do seculo XIX, é o cogumello do esgoto da nossa civilisação.

Madame Clovis Hugues é uma mulher antiga, é uma figura do tempo das Thusneldas — a vingadora da sua honra. Temos pena de ver na sua mão o revolver, uma arma de *commis voyageur*: queriamos ver-lhe o gladio dos tempos heroicos.

O tribunal é copiado das operas de Offenbach e das comedias de Meilhac e Halevy. Tem o seu quê de tribunal da Botija. É o julgamento da tragedia pela opera burlesca, é Albert Millaud e Hennequim julgando Eschylo e Shakespeare. Só a França, a França complexa de hoje é capaz do produzir estes melodramas comicos que são e espanto dos proprios francezes.

A absolvição de Madame Clovis Hugues tem occasionado violentas discussões e já originou um duello.

Não nos bateremos por causa d'essa absolvição, se Deus quizer, mas é possivel que a discutamos.

Mas isso n'outro dia por que hoje não nos sobra o tempo.

Os tremores de terra continuam enchendo Andaluzia de pavor e o mundo inteiro de commiseração.

Parece que nem de proposito hoje todos os assumptos em que tocamos teem dentro de si acaloradas discussões. A philantropia portugueza manifestada n'este momento tem dado origem a polemicas violentas. A imprensa de Lisboa constituiu-se em commissão para promover meios de angariar soccorros para os povos da Andaluzia.

O governo entendeu não dever sanccionar o primeiro meio suggerido á commissão e d'ahi uma campanha enorme, em que se metteu a politica e d'onde desappareceu a caridade. Pelas mesmas razões já dadas no paragrapho anterior, augmentadas com a aggravante de se tratar de politica, uma coisa em que temos muita repugnancia de nos metter, fazem com que não entremos n'essa discussão.

Entretanto ha uma coisa que nos parece perfeitamente logica.

Para que se constituiu em commissão a imprensa de Lisboa? Para obter donativos para os povos da Andaluzia. Affigura-se-nos portanto que o que ha primeiro do que tudo a fazer é obter esses donativos.

O governo prohibe o bando precatorio? Deixal-o prohibir. Collectivamente a imprensa que não se reuniu para discutir os actos do governo continua no seu caminho. O primeiro meio lembrado não se póde levar a effeito? Lança mão d'outros meios, e depois cada jornal individualmente que aprecie como entender a decisão do governo, que a condemne ou que a defenda, que isso não tem inteiramente nada que vêr com a questão unica que reuniu todos os jornaes — fóra de toda a idéa politica, e sómente sob a nobre e santa idéa da caridade.

Ora se a imprensa reunida para obter donativos para as victimas da Andaluzia tivesse no dia em que lhe foi prohibido o bando precatorio, procurado outros meios para conseguir o seu fim, é certo e mais que certo, que hoje teria já enviado para a Andaluzia avultada esmola: pondo-se a discutir e a protestar não nos parecesse que escolhesse o melhor meio de obter esses donativos, e a prova é que até hoje ainda nenhum donativo procurou collectivamente.

Outro assumpto do mesmo genero, assumpto com discussões intrincadas, a sr.ª Sembrick.

Muito antes da illustre cantora chegar ao palco de S. Carlos, tinham chegado a Lisboa os echos da sua gloria.

E depois vem a sr.ª Sembrick, e os *dilletanti* de Lisboa hesitam muito em fazer côro com esses hossanas triumphaes.

A sr.ª Sembrick tem uma voz extraordinariamente bella, faz difficuldades de vocalisação d'aquellas que valeram á Patti a sua universal celebridade, mas apesar d'isso o publico na primeira noite em que a ouviu teve um desapontamento.

Ora n'este assumpto não é só o espaço que nos falta, faltam-nos tambem os dados seguros para apreciar devidamente a sr.ª Sembrick.

E' uma *virtuose hors ligne*, não pode haver sobre isso a mais ligeira duvida ouvindo-a apenas uma vez, mas o que não se pode nem deve, ouvindo-se apenas uma vez é fazer a critica d'uma artista, e sobre tudo quando essa artista se chama a Sembrick.

E por isso, d'aqui a dez dias conversaremos.

E para terminar, uma noticia litteraria d'alta importancia que não queremos sujeitar a addiamentos.

(1) Vid. Occidente n.º 216.

As obras classicas do Padre Antonio Vieira, um dos mais bellos mestres da nossa formosa lingua vão ser publicadas em edição primorosa pela *Empreza Litteraria Fluminense*, essa Empreza que acabou de publicar uma obra de grande vulto a *Historia de Cesar Cantu*, reformada e ampliada por Antonio Ennes, em 20 grossos volumes.

Ora toda a gente sabe que o grande defeito dos classicos portuguezes, o que faz com que ninguem se atreva a lel-os, são as suas edições antigas e toscas.

O Padre Antonio Vieira em edição elegante, nitida e legivel, é uma boa fortuna para todos que leem portuguez.

Por isso não podendo fazer mais considerações, porque o espaço escasseia-nos de todo só temos duas linhas para dizer que no Rio de Janeiro, as obras do Padre Vieira, se assignam na rua 7 de Setembro, 81, e em Lisboa na rua dos Retrozeiros, 125.

Ao rever as provas d'esta chronica tivemos uma noticia, que não podemos deixar da accrescentar ainda que a correr.

Morreu o actor Theodorico, um dos heroes da velha guarda do nosso theatro, um actor que teve muitas noites de gloria, e um grande nome na arte do seu tempo.

Tinha 66 annos, morreu de repente, d'uma congestão, que o poupou á morte medonha que de ha muito o ameaçava — a lesão do coração.

Foi um grande actor e um homem honrado.

Mais d'espaço faremos justiça a todas as grandes qualidades d'artista e de homem que o fazem hoje chorado de todos, da arte e dos amigos.

Gervasio Lobato.

O ACTOR JOÃO ANASTACIO ROSA

Poucas individualidades tem havido na nossa terra tão complexas, tão curiosas, tão interresantes para estudar, como a d'esse glorioso actor cuja morte constituiu recentemente um acontecimento de sensação em Lisboa, uma perda enorme e um lucto pesado para o theatro nacional.

João Anastacio Rosa, o actor Rosa, d'antes, ultimamente o Rosa pae, para se distinguir dos seus filhos artistas como elle e como elle tambem em evidencia, era uma organisação previlegiada, excepcional, unica, no nosso viver de hoje.

Destacava-se completamente do vulgo, e bastava vel-o, mesmo agora, depois de velho, atravessar as ruas, com a sua figura garbosa ainda, mesmo atravez dos estragos da edade e da doença, com a sua cabeça de artista, a sua physionomia insinuante, caracteristica, com o seu que de ironia e ao mesmo de bondade, physionomia um pouco arrogante, de quem sabe o que vale, para se ver logo que estava alli *alguem*.

Artista de raça, conservava sempre em toda a sua vida, a mesma linha elegante, distincta, aristocratica, que lhe dava mesmo agora, no fim da vida, com as pernas já cambaleantes, o andar pouco firme, o rosto cheio de rugas, o tom perfumado d'um fidalgo de Sandeau ou de Augier, d'um d'esses fidalgos que elle d'antes vivera com tão raro talento e tão delicado realismo no theatro de que fôra uma das maiores glorias.

Finalmente um dia essa bella figura de velho artista deixou de apparecer nas ruas da baixa, com o seu eterno *pardesus* claro ao hombro, o seu andar compassado, a sua voz demorada, um pouco cantada. D'ahi a tempos lá uma tarde por outra, a baixa viu ainda o velho Rosa atravessar as ruas: mas já não era o mesmo: a barba crescia á vontade n'aquelles queixos que elle escanhoava tao esmeradamente, o olhar tinha já um embaciamento de mau agouro, o sorriso permanente desapparecera-lhe dos labios empallidecidos, já não parava a conversar com aquella benhomia antiga, e com aquelle doce prazer de cavaqueador *pur sang*. O Rosa pae estava já a adivinhar a morte: a sua sombra é que ainda atravessava as ruas o verdadeiro Rosa ninguem mais tornou a ver.

Um dia espalhou-se na cidade uma noticia que entristeceu todos — o Rosa pae morrera, e Lisboa commovida e pesarosa viu-o então passar dentro d'um enorme carro negro, acompanhado por um dos sequitos mais numerosos que em Lisboa tem acompanhado enterros, para o cemiterio do Alto de S. João, e Lisboa n'esse dia chorou, chorou muito mais do que chorara com elle no Fidalgo Pobre, mais do que com elle chorara a rir no Morgado de Fafe.

*
* *

A biographia de João Anastacio Rosa é longa, interessante, pittoresca e complexa.

Tem de abraçar uma longa vida, e uma longa vida que se espalhou por variadissimas espheras da actividade intellectual, que se accentuou sobre tudo no theatro, onde o seu trabalho teve uma alta significação artistica, onde o seu nome ficou como uma gloria immorredoura, e a sua tradicção como um exemplo a seguir e um modelo a imitar.

O Occidente registando hoje pela gravura a physionomia d'esse artista illustre d'entre os mais illustres, e os principaes personagens que elle creou com o seu potente talento e o seu profundo estudo da natureza humana, n'um tempo em que mal se falava ainda em realismo, desejava acompanhar essa commemoração com um estudo minucioso do homem e do artista.

Esse estudo porém exigia dados que não possuimos e espaço de que não podemos dispôr, e por isso substituil-o-hemos por uma biographia tão minuciosa quanto nol-o permittirem as condições especiaes do nosso jornal e que vamos procurar esboçar o mais rapidamente possivel.

(Continúa) *G. L.*

AS NOSSAS GRAVURAS

EGREJA MATRIZ DA GOLLEGÃ

Publicando hoje a estampa da egreja matriz da Gollegã, principiaremos por dar uma ligeira noticia da villa, uma das mais importantes da nossa provincia da Extremadura

Uma gallega veio estabelecer uma venda na estrada que então passava uns 20 kilometros distante da actual villa, e como a fortuna a favoreceu, em pouco tempo substituiu a primitiva barraca tosca por uma casa bem construida e vasta, transformando a modesta venda em estalagem, e fazendo crear cubiça a outros de a imitarem, estabelecendo-se tambem no sitio com outras vendas.

Assim teve principio a rica villa que hoje estende as suas habitações e os seus campos cultivados por uma planicie de 24 por 8 kilometros á margem S. do Tejo, distando 108 kilometros ao N. E. de Lisboa.

De quando teve principio não se póde precisar, mas no seculo XV já existia a povoação hoje denominada Gollegã, corroptella do nome com que primeiro foi designada de *Venda da Gallega*.

Para attestar a veracidade d'esta origem bastará attentar nas armas da villa que tem por emblema uma mulher com uma infusa na mão, alusão clara á *venda da gallega*.

A sua população é hoje superior a 4:000 almas em uma só freguezia, cuja egreja faz o assumpto da nossa gravura. É o seu orago Nossa Senhora da Conceição, e foi mandada edificar por el-rei D. Manuel em principios do seculo XVI tendo todo o cunho de belleza das construcções *manuelinas*.

O templo é de tres naves divididas por arcadas ogivaes elevadas mas singelas, reunindo-se todos os floreados do estylo *manuelino* no arco da capella-mór, que é uma verdadeira belleza.

De notavel nada nos diz a historia a respeito d'este templo, mas como monumento religioso é dos mais importantes do paiz, e nenhuma outra villa possue uma egreja matriz tão rica de architectura e tão grandiosa.

Concluindo diremos ainda que a villa da Gollegã é um dos centros agricolas mais ricos do paiz, porque além da fertilidade do seu solo tem tido a fortuna de encontrar cultivadores intelligentes, taes como Antonio Vaz Monteiro, que alli iniciou os primeiros progressos da lavoura, e José Farinha Relvas de Campos que ainda mais desenvolveu e augmentou esses melhoramentos, com o que muito contribuiu para a prosperidade da villa.

O filho d'este ultimo, o sr. Carlos Relvas, tem continuado as tradições de seu honrado e benemerito pae, opulentando a terra que lhe foi berço, com os beneficios de uma das maiores lavouras de Portugal.

PELOURINHO DE FIGUEIRA DA FOZ

Está erguido no tôpo septentrional da Praça do Commercio, e é muito elegante. A avaliar pelo seu *facies* architectonico, deve ter sido construido no seculo passado. Prova-o o desenho do escudo portuguez, que se vê incastoado no capitel do seu remate; prova-o sobretudo aquella graciosa helice de pedra que cinge a columna a todo o comprimento, e que ficou sendo o symbolo eterno, na peninsula, das oppressões do jesuitismo e da inquisição.

Em fins do seculo XVII, e por todo o seculo XVIII, tornou-se typica entre nós, como em toda a Hespanha, — na architectura religiosa, na ornamentação civil e até nas mais insignificantes peças de mobilia domestica, — essa forma torcida e coacta, dada aos fustes de columnas, aos pés de mezas e tamboretes, ás hastes dos veladores, a figurar instinctiva e inexoravelmente a enorme asphyxia intellectual que então torturava e premia a sociedade. As fogueiras e Loyola tomavam conta do pensamento humano e obrigavam-n'o a requintar-se ás mysticas subtilezas depois de atormentado e torcido no potro d'uma systematica oppressão.

Data d'esse tempo o pelourinho da estampa, provavelmente elevado em 1771, anno em que D. José I elevou por um decreto a Figueira á cathegoria de villa.

A Figueira da Foz é hoje cidade, e uma cidade lindissima e florescente. Tem um aspecto essencialmente moderno, um ar provocante e loução. Bellas praças, ruas amplas, casas alvejantes. O clima é temperado e amenissimo, e excellente a praia de banhos, toda de areia, cingida ciosamente de perto pela serra das Alhadas. Uma cidade lavada e garrida, onde se não projecta a sombra agourenta de um unico convento.

A nota comica e ridicula da Figueira é a extraordinaria tensão feroz dos seus sentimentos partidarios em politica. O corrilho nacional tem alli, como talvez em nenhuma outra terra do reino, o seu cunho accentuadamente provinciano de exclusivismos, de odios, de picardias. Ha um club progressista e um club regenerador: — dois palacios. Um theatro regenerador e outro progressista: — dois theatros dignos d'uma capital.

E, a par d'isto, os figueirenses não têem agua que beber! A agua potavel vae buscar-se a 7 kilometros de distancia.

Abel Acacio.

VOCES NATURÆ

I

Ronceiramente o sol furtava-se a emergir detraz dos revoltos cumes sombrios, toscamente rendilhados; e como o ceu, abobadando sem nuvem o seu azul profundo, lhe alcatifava amantemente o horisonte d'uma fresca resplandecencia ensanguentada e fulva, uma serra carrancuda, por baixo, sumia-se torvamente n'uma rebelde escuridade velada de violeta e azul, perdida sem feitio nem planos sob o ar que se alegrava, como uma negra abertura gigantesca para o vacuo infinito. Entretanto, um monte longinquo triumphava já altivamente, com os seus rudes picos levemente aguarellados d'uma doce tinta, que se diria feita de rosas tenras, ridente, alada, e cariciosa; e as pipilantes passaradas, espanejando-se, achavam que era tempo de espaireceremas suas azas, em livres vôos arrebatados, e abandonavam as arvores quedas, cujas humidas folhagens haviam recheiado d'uma clara musica madrugadora, em quanto que as cotovias jovialmente gorgeavam o seu amoravel canto, que é como a propria voz da nascente luz risonha e virginal.

Trepou emfim o sol, pousou sobre os duros hombros dourados dos montes; e algumas diligentes resteas soltas vieram açoutar brandamente o longo dôrso verdenegro d'uma matta, desmanchado n'um declive, e onde pelas frondes o perolineo orvalho se matisava em bizarras pedrarias fulgentes. Então, surrateiramente, a festiva luz foi penetrando as ramarias silenciosas, e por entre os esgalhados, grosseiros, nodosos e cotovelludos troncos dos pinheiros e dos carvalhos atravessou, em barras tortuosas, uns vibrantes clarões quentes, que pareciam illuminar divinamente as hirsutas columnas d'um extravagante templo sahido da entranha da terra, toldado d'uma verdura entreaberta; e por um lado e por outro vaporações isoladas erguiam-se nevoando, como vagos fumos alaranjados d'um incenso, emquanto que os pardos gaios, esvoaçando e grasnando, faziam as vezes de sagradas aves selvagens.

A grande luz crescia, encorpando, derramava-se generosamente, saudada pelas intimas canções ideaes das cousas; e quando, empoeirando tenuemente a atmosphera d'uma claridade loura, ia chegando ao fundo do valle repousado, ouviram-se as rapariguitas aldeãs que, caminho da Mestra, cantoriavam longamente n'uma toada viçosa e encantadora. E, no rejuvenescimento do dia, aquelle

1, Fidalgo Pobre — 2, Marquez de la Seiglière — 3, Frei Luiz de Souza (o romeiro) — 4, Maria Stuart — 5, Ricardo III — 6, Morgado de Fafe — 7, Pobreza envergonhada — 8, Primo e relicario

HOMENAGEM AO ACTOR ROSA

(Desenho de M. de Macedo)

simples côro de mocidade completava sonorosamente a sã alegria matutinal da natureza.

II

Á sombra d'uma alta figueira abundantemente enramada e enfolhada, em vão eu procurava reler um livro favorito, com as pupillas doridas de fitarem as largas paginas corridas de reflexos de marfim, ao mesmo tempo que me amollecia um torpor, na incendiada calma do meio-dia. Pelas hervas resistentes, passeiavam innumeraveis insectos d'azas irisadas, regalados á soalheira; enxameavam vêspas zumbidoras n'um estrumoso quinteiro, onde gordas gallinhas se estendiam, sequiosamente, com pernas estiradas n'um abandono inanime; depois, perto, enormes laranjeiras, semelhantes a nobres arvores de bronze com os seus redondos fructos pendentes, tomavam, com a chamma ambiente, um aspecto denegrido e como carbonisado; e sobre um bardo verdejante de vides, pequeninos mosquitos ennovelavam-se zunindo sem fim, dobavam-se n'uma poeirenta meada volante. O azul metallisava-se opacamente, embaciado, monotono, e cinzento; n'uma impiedosa ardencia, o ar tremulava, — e ao longe os calvos montes appareciam calcinados, em quanto que pelos escadeados campos scintillavam pittorescamente as eiradas garridas de milhos côr d'ouro; e o supremo calor era tão ardente e lubrico, que um gallo taful, incessantemente, andava em roda das suas estateladas amigas com arremettidas galantes.

Egreja Matriz da Gollegã (Segundo uma photographia do sr. Carlos Relvas)

Passou uma robusta moça ricamente corpulenta, que tentaria Rubens. Foi para a fonte, arrumou o seu canéco á bica que escorria magramente, e sentou-se n'uma pedra, bamboleando as pernas ao dependuro, sob as velhas saias enrodilhadas. Trazia nús os braços enrijados pelo uso da enchada, e queimados pelo tempo; e como se lhe appetecesse uma deliciosa frescura, ou se sentisse suffocada, desfez o lenço vermelho entalado no corpete, e levantando e abaixando as pontas desdobradas, pôz-se ligeiramente a aventar os fartos seios brancos. E começou a entoar, com voz mansa e calida, uma cantiga amorosa; mas não a acabou, interrompendo-se com os brilhantes olhos castanhos humedecidos d'uma ternura, em quanto que as faces se lhe purpureavam intensamente, como se o rubro sangue estivesse espirrando, em gotinhas microscopicas, e vestindo a pelle d'um fino e vivo velludo carmezim. Com um movimento brusco arrancou-se, por fim, ao seu escandecido desfallecimento, e carregando á cabeça o canéco cheio, voltou para casa.

Estavam desertas, áquella hora, as viellas da aldeia e a paysagem; todas as familias jantavam,

suando e atulhando-se de caldo ensopado e acuculado de migas. Raros passaros cortavam pesadamente o ar, buscando o refugio d'umbrosos ramos. Veiu-me uma somnolencia; — e fechando os olhos, fiquei atordoado e dormente no meio d'um surdo e victorioso ruido d'immenso caldeirão referyendo, que devia ser o abafado canto subterraneo e aereo de toda a natureza em perfeita maturação, cosida ao sol, e como que fermentando refesteladamente, no vasto e saciado concerto da Plenitude fecunda.

III

Vergastado pelo raivoso vento, deixava-me ir embrenhando socegadamente atravez do extenso pinheiral, accidentado n'uma inclemente encosta erriçada de musgosas penedias. Era o primeiro rebate triste e tormentoso do outono, desencadeado sobre o arvoredo que se curvava e ondulava violentamente, roncando uma zoeira profunda. Não havia no ceu os sumptuosos luzeiros do poente; grossas nuvens já tocadas de treva couraçavam-n'o em tumulto, prenhes de tempestade, correndo e atropellando-se turbulentamente, como que animadas d'uma luctadora cólera; lá em baixo, o rio verdoengo cavava-se n'uma agitação de miudas vagas freneticas; mas pelas collinas que o marginavam, da banda d'além, os castanheiros e os choupos mal abanavam, abrigados pelos môrros sobranceiros, e tinham um ar de assistir folgadamente ao espectaculo da grande matta descomposta pela furibunda ventania.

De susto, estavam calados os gaios berradores, e os chibantes melros que silvam estridentemente, furando com rapidos vôos as folhagens dos arbustos, e os pequenos piscos que piam d'uma maneira ingenua; nem o picanço se obstinava contra os troncos condemnados, ralando-os asperamente. Uma raposa esgueirou-se por entre giestas, arrepellada e veloz. E pelo ar torvelinhavam folhas desprendidas das carvalheiras antigas, cujas altas pernadas se remexiam torturadamente em contorsões epilepticas, em quanto que por toda a parte os pinheiros, como esguios reprobos n'uma tribulação dantesca, tombavam continuamente uns de encontro aos outros, qnebravam-se galhos ruidosamente, chocavam as ramas n'um espancado rugido, e rangendo, estalando, bramindo, levantavam desesperadamente um alarido formidavel — que, de repente, subiu n'um crescendo trovejante, agreste, lamuriado, ululante, e ameaçador.

Então, — lembrando-me de Wagner para o esquecer, — parei escutando, assombrado e maravilhado pela truculenta symphonia da floresta.

IV

Na doce noute serena, lantejoulada de esvaidas estrellas, avelludada d'um silencio espiritualisado, e vaporosamente tingida pela transparente alvaiade do luar, um inesperado bordão vibrou gravemente, algures, distante, canóro, e zumbente.

A terra encerrava-se brutamente na sua espessa materialidade; as gentes descansavam, abandonavam-se bestificadas em somnos empedernidos; — e a vida fantastica das intangiveis cousas do ar agitava-se então, na languorosa claridade, fazia-se livremente, solitaria e muda, ao mesmo tempo que as frementes notas do violão noctambulo, lentamente feridas, afinavam harmonicamente com a propria luz nevosa, dir-se-iam pingos de sonoridade escorrendo suavemente no espaço tranquillo; e affastando-se a pouco e pouco, apagadas, adormecidas, e lyricas, fundiam-se, casavam-se tão bem com o luar, que chegavam a parecer a pura voz d'elle, zoando, carpindo-se, e passando. A's vezes, tornavam-se tocantemente melancolicas e soluçantes; — e talvez evocassem as fantasmaticas sombras deslisando em dansas rythmicas, e as almas espectraes dos mortos d'amor, que, como impalpaveis brumas pairantes, viessem tristemente contar-se, gemer a nostalgia infinda das paixões, enlaçados agora aos pares, rigidos, frios, tremulos d'amargura, sem labios para o beijo, sem carnes para o contacto, e hallucinados pela desolação do seu nada, sem lagrimas para a dôr.

E cada vez o bordão andante e plangente se ia arredando mais, esmorecendo gradualmente, passeiado sem rumo por algum mysterioso vagabundo meio poeta; até que, suspirosamente expirante, se extinguiu emfim na alvadia noite apaziguada, silenciosa outra vez. Mas produzira-se tão vivamente o singular effeito de se haverem ambos encorporado, unisonos e conformes, penetrados um do outro, allumiando e cantando, que espantava, e era já realmente incomprehensivel — que o som se perdesse, e ficasse o luar.

Douro, setembro, 1884.

Monteiro Ramalho.

OS CONFIDENTES

(Continuado do n.º 218)

Minha Thereza.

Estou zangadissima com a Aline! Suppõe tu que, na vespera de eu sair de Lisboa, ella me prometteu que, d'ahi a dois dias, me mandaria para aqui a minha amazona e o meu chapeo! Pois até hoje ainda cá não chegou nada! Vê tu, meu amor, se vaes lá, e lhe dizes que estou furiosa. Tem paciencia, Thereza, sim?

A tua carta, que hontem recebi, até me fez rir. A tua amizade é que te faz ver as coisas assim. Então, só porque o Bernardo de Souza janta comnosco, e fica a passar a noite, isso é motivo para me suppores *flirtada* por elle? Que idéa, Thereza! Bem vês tu que, n'esta triste aldeia, um acontecimento d'estes, é caso para chronica. Em Lisboa seria a coisa mais natural do mundo, e que eu nem sequer me lembraria de te contar; mas aqui, sem mais distracções, a sua visita deu assumpto para a carta que te escrevi. Não te assustes, que, por ora, ainda não *anda moiro na costa*. O homem que eu escolher para marido talvez esteja ainda por nascer. Dos que tenho conhecido até hoje, nem um só me inspirou o desejo de me fazer sua esposa.

Agora, confesso, acho o Bernardo intelligente e sympathico, e mais nada. Nem tu calculas o que hontem ri com elle! No fim da tarde fui passeiar com a tia Dorothéa, com o papá e com o padre Joaquim. No caminho encontrámos o Bernardo que vinha a cavallo. Apeiou-se logo, mandou o cavallo para casa e acompanhou-nos. Demos uma grande volta pela aldeia, que elle diz detestar do fundo do coração. Creio-o bem; porque nada o interessa da vida do campo, e ignora completamente tudo o que aqui o cerca. Podéra! Está costumado a viver só na séca das ruas de Lisboa! Comecei então a examinal-o nos seus conhecimentos de lavrador. Oh! Thereza, que ignorancia! — Como se chama esta planta? — perguntava-lhe eu. Que arvore é esta? Tudo aquillo para elle existia sem nome! No fim, achei-lhe immensa graça, quando me declarou que os seus conhecimentos de botanica se resumiam n'isto: todas as plantas, que sobem um pouco acima da terra, são *hervas*; as que sobem muito, são *arvores*. Arvores e hervas e mais nada! Gostei da franqueza; mas lamentei a inutilidade! Estes rapazes, tirando-os do jogo, dos cavallos e talvez da leitura d'algum romance, que tenha tido successo pelo escandalo, não sabem mais nada.

Depois do passeio, elle veio para nossa casa, e passou comnosco a noite, no terraço. Pouco conversou commigo, porque o papá principiou a falar de politica, e tu sabes que é um genero de conversa que abomino. Que me importa a mim saber o que faz o Fontes ou o Braamcamp? Nunca me achei com geitos de ser a madame de Rolland do meu paiz. Por algumas phrases que ouvi, tambem me pareceu que não era aquelle o assumpto que mais prende o Bernardo; porque o papá, que é um politicão, é quem fez as despezas da conversa.

Houve um momento em que de todo lhes não prestei attenção. Quasi involuntariamente, deixei-me cahir n'uma especie de doce *reverie*, contemplando o ceu muito estrellado, e ouvindo cantar os rouxinoes... Que bonita noite de verão, Thereza! Lembraram-me aquelles versos de Victor Hugo, que liamos juntas em Cintra, ha tres annos:

Hier la nuit d'été, qui nous pretait ses voiles
Etait digne de toi, tant elle avait d'étoiles,
Tant son calme etait pur...

Como deve ser perfeita a alma d'um poeta, que assim se inspira nos segredos d'uma formosa noite d'estio! Tive vontade de conhecer V. Hugo, e de o beijar com ternura...

Que tolice a minha! Guarda bem para ti esta confidencia; porque eu morria de vergonha, se alguem me tomasse por uma piegas sentimental. O mundo é demasiado egoista para consentir que uma rapariga o esqueça e o abandone, deixando-se enlevar, por um instante, na exhaltação d'um sentimento qualquer. Quando muito, permitte-se-nos que a alma se absorva no mysticismo da religião; mas chamam-nos *beatas;* agora, se o espirito se deixa arrebatar para um mundo de idéas abstractas, então somos logo classificadas de *romanticas ridiculas* e de *sentimentaes pretenciosas*. A civilisação material do seculo exige que vivamos de sensações. Devemos ver, devemos ouvir e falar, ainda que sejamos cegas, surdas e mudas d'alma e coração. A preoccupação constante dos sentidos domina-nos o sentimento. Dizem-nos que é isto o que deve constituir a felicidade; e que estas idéas são as da verdadeira philosophia. Foi isto, pouco mais ou menos, o que eu ha dias li n'uma *Revue*, que o papá assigna.

Declaro-te que não concordo; porque tenho visto, em todos os tempos, que a força impulsora que tem levado o homem á realisação das suas grandes obras, é sempre a exhaltação d'um sentimento.

Oh! minha querida Thereza, é preciso que sejas muito boa, para me aturares estas caturrices, que eu tenho ás vezes de *bas-bleu*. São superiores á minha vontade. Acontece-me como ás creanças imprudentes, que abrem uma torneira: depois de a desandar, não tenho força para estancar o jacto!

Depois d'amanhã, devo ir á romaria que se faz perto da nossa casa, n'uma ermida situada no cimo d'um monte. São exigencias da tia e do padre Joaquim, que vae cantar a missa. Se tu cá estivesses, Thereza!...

Adeus com muita saudade.

Tua

Helena.

P. S.

Abro esta carta, para te dizer que me chegou agora mesmo d'ahi a minha amazona e o meu chapeo! O chapeo é um apetite!

Tua

H.

Jorge:

Então appareces-me litterato á ultima hora?! Eu não gosto de ler cartas, em que faltam idéas e um certo cuidado de redacção: cartas sem grammatica, só a constitucional ou as que servem para o *baccarat*. Mas embirro solemnemente com cartas em que se faz estylo e ha pretenção litteraria. A tua, meu caro Jorge, era das ultimas.

«*O ermo triste da tua aldeia transformou-se com a presença da Helena, como a cabana humilde de Philemon e Baucis com a hospitalidade de Jupiter!*»

Ora, bolas, amigo!

Permitte-me que te diga que isto é ridiculo entre amigos, devendo tu pensar que eu não tenho a honra de conhecer o tal Philemon, nem de contar a tal seductora Baucis no numero das minhas namoradas. Emquanto me não apresentares a um e a outro, abstem-te de me falares d'elles, que é o mesmo que me falasses grego!

Escreve-me cartas longas, cheias de novidades, cheias de intrigas e de escandalos, occorridos entre Santa Apolonia e a Ponte d'Algés. D'ahi para fóra, não quero saber o que vae pelo mundo. Percebes?

Apreciei immenso o que me contaste dos tres dias que estiveste em Cintra; mas não creio muito que a Francisca Tavares acceite a côrte ao tal addido de Hespanha. Que elle lh'a faça, sim; porque Cintra tem a virtude de apaixonar os estrangeiros. O corpo diplomatico, apenas entra o Ramalhão, principia logo a pedir agua fresca da Sabuga e um coração ardente... A primeira é tão facil de fornecer, como um burro para ir á Pena; o segundo tem mais que se lhe diga!... Emfim, *vederemo!* A união iberica é o ideal de muitos politicos da nossa terra! Eu logo vi que não resistias ao jogo! Tambem que diabo ha de um homem fazer, a certas horas, na semsaboria bucolica do pateo do Victor, senão jogar? Ainda assim, dou-te os parabens, por teres ficado sem vintem. Dizia o marquez de Niza a meu pae que a commoção mais agradavel que se tem ao jogo, não se ganhando, é perder, e perder tudo! Ficar no mesmo dinheiro, é a mais cruel das calamidades. Se tiveres, depois d'esse desastre dos duzentos mil réis, necessidade de recorrer ao monte-pio, lembra-te antes de mim; porque estas terras ainda hão de dar para salvar um amigo.

A respeito da minha vida aqui, pouco te posso

dizer. Os dias succedem-se sempre eguaes. As manhãs semsabores, com um sol de rachar, não deixam a gente pôr pé fóra de casa. Só ao cair da tarde é que saio um pouco no *Sultão*.

A' noite, vou até á Ribeira fazer o *whist* de perna de pau com o Meirelles e o padre-capellão. A Helena, verdade seja, está cada vez mais encantadora. A vida tranquilla e o ar puro do campo dão lhe uma alegria communicativa que encanta. N'outro dia, de manhã, passei tres horas deliciosas, conversando com ella e com a tia, no terraço. O Meirelles teve a feliz idéa de estar fóra com o capellão. A Helena estava sentada n'uma cadeira de vime, entretida a bordar um grande lenço que ha de servir para um *écran*. Nunca em Cintra, nem nas Caldas, nem em Cascaes, passei tão agradavelmente o tempo. Falámos de ti, e ella disse-me que te achava sympathico. Vê lá se te envaideces, e se te apresentas para pretendente! Na minha opinião não encontravas melhor esposa, digo t'o eu. Ella estava vestida com uma *matinée* côr de rosa, guarnecida de rendas brancas. Quando se debruçava sobre o bordado, deixava vêr o pescoço d'uma brancura de jaspe, e uns pequeninos cabellos loiros que se caracollavam ligeiramente por detraz das orelhas! Não imaginas que belleza! Fez-me lembrar logo a tentação d'aquelle pobre rapaz do *Lys dans la vallée*, que não resistiu a beijar, n'um baile, a nuca de M.me *Mortsauf*. As suas mãos delicadas provocavam a que as cobrissem de beijos carinhosos! Afóra essas qualidades, que são sempre as primeiras que nos attraem, tem outras de mais valor, e que são a garantia d'uma excellente companheira da vida. Adora o pae com uma extremosa dedicação, gosta immenso da tia, e é d'uma grande bondade para o padre Joaquim.

Aconteceu-me, porém, pela primeira vez na minha vida, um caso extraordinario! Quando eu estava muito interessado a perguntar-lhe como se bordava, e a utilidade do que elle estava fazendo, a tia Dorothéa disse do lado que eu mostrava geitos de vir a ser um bom marido! E esta?!... A Helena emmudeceu, e baixou-se sobre o lenço; e eu, que disponho d'um arsenal de paradoxos para estes ataques á queima-roupa, declaro-te que embasbaquei! Principiei a gaguejar como um collegial, e até creio que córei! Isto é forte; mas affirmo-te a verdade: — córei!

Só passado o momento de hesitação é que perguntei á tia, se tinha alguma inimiga a que quizesse infligir o castigo de a desposar commigo.

— Inimiga? — disse ella.

— Então acha que tenho as qualidades para fazer a felicidade d'alguem?

— Creio que sim — respondeu D. Dorothéa.

Blagueei um pouco, e disse que a pessoa que me amasse devia ser tão bondosa que aos seus olhos os meus defeitos parecessem qualidades.

Helena ergueu então a cabeça e disse:

— Jesus! Está a fazer um exame de consciencia, ou é uma maneira insidiosa de provocar os elogios das pessoas que o escutam?

— Não, minha senhora. Isto é apenas a confissão d'um peccador convicto.

— Pois então, faça o acto de contricção, que eu, á falta do padre Joaquim, absolvo-o — respondeu ella a rir, olhando para mim.

Meu caro Jorge, mais duas manhãs assim, e declaro-te francamente que não resisto ao sagrado matrimonio. Todas as minhas aspirações de morrer solteiro e sem familia, se abalam deante d'estas scenas.

Tratarei de lhe fugir, asseguro-te. E só se de todo em todo não poder, é que me resignarei ao sagrado laço, como um indio fatalista que se deita á sombra da mancenilheira para procurar resignadamente o descanso da morte!

Amanhã tenho de ir d'aqui quatro leguas, ver uma propriedade minha. Que grande séca! Eu que gostava de estar tranquillo e socegado na minha Lapa! Só voltarei alta noite; porque de dia é impossivel andar ao sol por estas estradas fóra!...

Dá o desconto que achares preciso a estas minhas exhaltações, e lembra-te que não hei de conversar eternamente com o meu caseiro!

Tu não te arrancas de Lisboa, e eu não tenho pachorra de me mexer d'aqui, depois da estopadissima viagem que fiz de dezesete horas, em comboio e em carruagem!

Não faças tambem castellos no ar; que, por ora, ainda aqui tens inabalavel e firme o teu co-celibatario e amigo, que te agradece o *cognac* e a tilia.

Teu

Bernardo.

(Continúa) *Alberto Braga.*

Architectos da Batalha e dos Jeronymos

(Concluido do n.º 218)

IV

Com respeito á vida de Boutaca, podemos dar como averiguadas as datas seguintes: com probabilidade, o seu nascimento em 1460 ou annos proximos; com certeza, os seus serviços brilhantes em Africa, de 1480 a 1485, na qualidade de guerreiro; depois provavelmente o estudo das bellas-artes na Italia, de 1486 a 1492; em seguida, tambem com toda a plausibilidade, trabalha ou superintende, até 1500, nas obras da Batalha, e aqui contrahe casamento; em 1500, é com certeza nomeiado delineador e architecto do templo dos Jeronymos; doze annos depois, dirige novamente as obras da Batalha; de 1514 a 1516, conserva-se sem contestação no seu posto junto á obra de Belem, apenas com a interrupção dos tres mezes da viagem á Africa em 1514; no anno de 1515, é-lhe elevada a tença a 15$000 réis; em 1519, é outra vez inspector de trabalhos na Batalha; e finalmente finou-se entre 1525 e 1528, tendo deixado a sua personalidade gloriosa ligada a uma obra immortal, que tão completamente incarna e consubstancia nas suas spheras, cordagens, velames, archivoltas e mastareus a mais accentuada e unica original feição do genio nacional.

Succedeu-lhe na direcção das obras dos Jeronymos João de Castilho, o qual em 1522 trazia de empreitada o *fazimento* dos pilares e abobada do cruzeiro. Sectario já a esse tempo da Renascença, foi continuando o tacanho e myope artista algumas obras segundo o plano primeiro, com fraco enthusiasmo, e afinal não se poude conter que não adulterasse impiamente o risco, dando ao cruzeiro umas paredes exteriores maçissas e quadradas, oppressoras e horriveis como um longo pesadelo, inteiramente destoantes do corpo da igreja, a que foram além d'isso roubar um bocado, e as quaes, por um resto de attenção pela obra já feita, ainda consentiu em circumdar a meia altura com a mesma cinta ornamentada que se desdobra ao longo de toda a fachada.

Em 1528 ou 1529, passava a superintender nas obras da Batalha, onde iria perpetrar tambem palmares incongruencias, agora de balaustres, redondezas e volutas.

Substituiu-o em Belem Diogo de Torralva, que foi quem propriamente concluiu o claustro e o cruzeiro, devendo-se-lhe a atrevidissima execução do fechamento da abobada d'este, circumstancia pela qual os contemporaneos lhe perpetuaram reconhecidos o busto n'um medalhão circular, assente no sopé da columna do mesmo cruzeiro, do lado do Evangelho. (1)

Em 1551 dirigia ainda Torralva o acabamento da capella-mór, proximamente segundo a traça primitiva. Foi esta capella julgada mais tarde exigua em dimensões, não por falta de harmonia architectonica com o resto do templo, como julga o sr. Brito Rebello, mas porque eram ao tempo excessivamente ostentosas e povoadas de comparsaria tonsurada as festividades religiosas. Mandada demolir, veiu ainda então (1557) João de Castilho commetter o barbaro attentado do enxerto da capella néo-classica, que hoje alli se vê com repugnancia e desprazer.

A apparente falta de harmonia do templo de Belem é pois devida a successivas deturpações imperdoaveis, quasi todas executadas por Castilho, o genio destruidor da architectura nacional.

Quando elle, portuguez como era, a não soube, — já não digo aperfeiçoar, — mas nem mesmo comprehender nem conservar, como querem que um extranho a tivesse vindo crear entre nós?!...

Abel Acacio.

(1) Veja-se a gravura de pag. 40 do vol. III do Occidente.

RESENHA NOTICIOSA

Atheneu Commercial do Porto. A sociedade *Nova Euterpe*, instituida no Porto ha já alguns annos, mudou o seu titulo, constituindo-se sob a denominação de *Atheneu Commercial do Porto*, continuando a sua missão civilisadora, para o que se propõem a crear um museu commercial e industrial; desenvolver consideravelmente a sua bibliotheca, franqueando-a aos membros da imprensa; estabelecer diversos cursos de instrucção e realisar conferencias e perlecções publicas; e fazer exposições especiaes, etc.

Inverno. A peninsula está passando por um inverno rigorosissimo como ha muitos annos não soffria. Em Hespanha além do cataclismo dos terramotos, que tem destruido uma boa parte da provincia de Andaluzia, tem havido grandes tempestades, e o frio e a neve tem invadido as povoações de um modo tão violento que, em Zafarraya, provincia de Granada, já morreram 9 pessoas transidas de frio. Em Portugal tambem o frio se tem manifestado de um modo desusado, chegando a haver neve de alguns centimetros de espessura em povoações do sul, como Beja, Evora e outras do Alemtejo. Nos ultimos dias o frio em Lisboa tem sido extraordinario.

Prophecias. Voltámos aos tempos do rabicho. A humanidade é a eterna creança e pella-se pelo maravilhoso, se assim não fosse não entreteria o *Daily News* os seus leitores com umas terriveis predicções, que um novo Nostradamus faz sobre o futuro Por extremamente curiosas transcrevemos d'aquelle jornal algumas d'essas predicções, fazendo-lhe os commentarios que nos sugerem, com o que por nossa vez pretendemos desenfastiar os longos serões de inverno dos nossos leitores, eil-as: O principe Jeronymo Napoleão, segundo M. de Grandselve, nasceu sob o 18º grau da Virgem, em um anno de Venus, no ciclo d'este planeta, no 24.º dia da Lua em nactividade nocturna; isto denota que o principe deve ter um caracter irrassivel, aspero e vingativo, fazendo soffrer principalmente os seus parentes. O seu fim deve ser desastroso, por morte violenta, a qual está predicta para 9 de setembro de 1907. N'isto anda por força resto de contas antigas, que o excentrico propheta inglez não dá ainda por saldadas com os Bonapartes. Reprezalias... Vamos ás prophecias: O principe Victor, filho do principe Jeronymo, tambem terá fim desastroso, mas esse ao menos poderá respirar mais livremente, porque lhe não diz quando esse fim será. O mesmo já não acontece ao principe de Paris, que lhe vacticina morte desastrosa para quinta feira 16 de abril de 1893. Decididamente a familia Bonaparte deve mandar de presente ao diabo o tal propheta. A respeito de Mr. Grevy, presidente da Republica de França, o caso muda de figura, valha-nos isso. Mr. Grevy nasceu a 15 de agosto de 1807, sob o 23º grau do Leão, anno do Sol, no ciclo de Venus, dia de Saturno, no 14.º dia da Lua. Prognosticos excellentes, mas não os precisa. Deverá morrer em 5 de fevereiro de 1900. Se quizer viver mais, mande pedir licença ao propheta, que nos parece não lh'a negará, visto o seu vacticinio tão animador deixar transparecer sua pontinha de republicanismo no seio da austera Albion, e senão vejamos. A rainha Victoria morrerá n'um incendio ou em resultado d'elle, no dia 10 de setembro de 1889. E' republicano ou não é este propheta. Bem póde, pois, a rainha Victoria tratar de se pôr no seguro. O principe de Galles morrerá em uma revolução, no dia 20 de janeiro de 1894. Os credores é que não hão-de gostar d'isso, e já agora sua alteza que não se incommode com elles, como cremos que nunca se incommodou. O imperador da Russia deve morrer em 1900, não diz porém como; tambem era inutil, visto que toda a gente espera que seja de alguma bomba de dynamite ou quejandos mimos, e o propheta não se rebaixa a vacticinar aquillo que toda a gente sabe; é por essa razão que elle vacticina a morte para 1900, porque isso é o que ninguem sabia que vinha tão longe. Os nihilistas que protestem. Sua Santidade Leão XIII tambem entra no rancho, mas esse está bem, tem o ceu ás suas ordens e o destino fechado na mão; para alli não fazes nada, meu caro propheta, quando dizes que Leão XIII ha-de morrer de morte violenta a 4 de julho de 1886. Para o inferno já elle te mandou a estas horas, augmentar a bixa de sete cabeças com mais uma; e d'ahi talvez não; é possivel que guarde isso para depois do vacticinio, para te deixar por mentiroso e embusteiro. Agora entra sua magestade o imperador Guilherme com o qual ha umas historias muito complicadas, pois que sua magestade está sob o perigo e ameaça de inimigos occultos, auxiliados por mulheres. Imaginem o pobre imperador Guilherme, com os seus 87 annos, mettido ainda em danças com mulheres; só por demencia ou maus conselhos do seu foctotum Bismark. O que vale é que annuncia a sua morte para 10 de julho de 1890, com a bonita edade de 93 annos 3 mezes e 18 dias, de horas não fala. N'este caso faz sua magestade muito bem em gosar tudo quanto poder, e ninguem lhe póde levar a mal que procure ainda a convivencia do bello sexo.

Illuminação electrica. Nove lampadas electricas do systema Brush da força de 6:000 velas cada uma, illuminam hoje a entrada do porto de Nova-York. É o mais potente pharol conhecido actualmente.

Casamento da princeza Beatriz. É a filha mais nova da rainha Victoria, e nasceu a 14 de abril de 1857. Chama-se Beatriz Maria Victoria Theodora. O principe Henrique Mauricio de Bathenberg, com quem está justo o casamento, é o filho terceiro do principe Alexandre de Hess, e nasceu a 5 de outubro de 1858. A rainha Victoria annuiu ao casamento com a condição dos desposados residirem proximo d'ella, porque a princeza Beatriz é a unica filha que actualmente a acompanhava e de quem a rainha muito lhe custa separar-se.

A revolta de Massingire. As ultimas noticias recebidas de Moçambique dão por subjugada a revolta, tendo os revoltosos de ceder ao cerco que lhe fizeram as tropas regulares e mais algumas forças organisadas, no total de 5:000 homens, e depois de treze combates successivos. Entregaram varios prisioneiros, e entre esses o alferes Curado, que se suppunha morto, e um filho do capitão assassinado. Comprometteram-se os revoltosos a apresentar os tres chefes da revolta, os quaes serão entregues ao conselho de guerra.

Sarah Bernhardt. Os credores da celebre actriz estão sendo implacaveis, e querem a todo o transe o embolso dos seus creditos que sobem á bonita quantia de 313:500 francos ou 56:430$000 da nossa moeda. A actriz já entregou aos seus credores tudo que possuia, mas elles ainda não se dão por satisfeitos e penhoraram-lhe a diaria que Sarah Bernhardt está vencendo por cada recita da *Theodora*, de Sardou, que são 1:500 fr. ou 270$000 réis por cada representação. O tribunal, porém, em virtude da lei, reservou para a actriz 600 francos da diaria ou 108$00 réis a titulo de sustentação da actriz, ficando o resto aos credores.

Pelourinho de Figueira da Foz (Segundo um desenho do natural do sr. Abel Acacio)

Cyclone. Communicam do Rio de Janeiro ter havido alli um violento cyclone acompanhado de grande tempestade que causou grande terror na capital do imperio americano. Produziu alguns estragos consideraveis, citando-se os mais importantes, que são o desabamento de quatro predios na rua dos Ourives; um raio que destruiu a chaminé da confeitaria da rua do Conde d'Eu; derrubamento de grande quantidade de arvores e candieiros de illuminação publica, etc. No mar tambem houve grandes estragos e desgraças pessoaes afundando-se uma falúa com 18 homens de tripulação; foram a pique muitas embarcações de pequeno lote e garraram outras de alto bordo.

Jardim Zoologico. A direcção d'aquelle estabelecimento, tão bem recebido pelo publico de Lisboa, mandou cobrir a galeria do *restaurant* com um teto envidraçado, o que permitte uma grande commodidade aos frequentadores, que terão d'ora avante um salão proprio para inverno.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Relatorio da Real Sociedade Portugueza de Beneficencia dezeseis de setembro, 1883-1884, etc. São importantes os resultados d'esta sociedade, fundada pelos nossos compatriotas residentes na Bahia, e escusado é encarecer os beneficios que esta presta aos nossos irmãos, no Brazil. Para se fazer idéa da sua importancia bastará citar dois pontos do seu relatorio, que nos dizem ser o capital d'esta sociedade, em 30 de setembro ultimo 384:163$138 e o numero de socios 1:039. Estes resultados só se obtem á força de muitas dedicações, o que constitue uma das glorias da colonia portugueza, no Brazil.

O Antonio Maria, Album das Glorias, *Folha humoristica illustrada por Bordallo Pinheiro.* Ampliou o seu programma e dá-nos agora a par da conceituosa critica do *Antonio Maria*, a 2.ª serie do *Album das Glorias*, que só por si faria a reputação de um artista, se Bordallo Pinheiro a não tivesse já de longa data. A inovação apresentada este anno é verdadeiramente convidativa e ainda mais deve augmentar a popularidade do *Antonio Maria* O numero que temos presente traz uma preciosa *charge* de Silva Lisboa.

Fac-similes das assignaturas de Boutaca e João de Castilho

Vid. artigo "Architectos da Batalha e dos Jeronymos"

Jornal de Horticultura Pratica, director Duarte de Oliveira Junior, proprietario José Marques Loureiro, Porto 1885. Este periodico mensal dedicado á agricultura em geral e á horticultura em especial, entrou no XVI anno de publicação o que é uma prova da sua grande utilidade, reconhecida por uma parte do publico a quem estes assumptos interessam. O *Jornal de Horticultura Pratica* é a publicação mais bem feita que, no genero, vê a luz em Portugal.

Almanach da Typographia Castro Irmão, 1885. É um primoroso brinde em toda a extensão da palavra o que o sr. Castro Irmão offerece aos numerosos consumidores da sua esplendida typographia. O almanach é, como o dos mais annos, de pequena dimensão apto a trazer-se na carteira ou na bilheteira de algibeira, e nas suas 48 paginas exibe verdadeiros primores da arte de Gutenberg; primores de combinação typographica, de registro e justificação dignos de serem apreciados por quem conhece as difficuldades de execução de trabalhos d'esta ordem. O *Almanach da Typographia Castro Irmão* é um brinde artistico de subido valor, e uma prova positiva dos bellos trabalhos executados nas officinas do sr. Castro, que possue um estabelecimento de primeira ordem.

Almanach Preço Corrente, 1885, publicado pelos srs. Jeronymo Martins & Filho e pelos mesmos offerecido aos consumidores do seu magnifico estabelecimento de viveres, na rua Garrett, em Lisboa.

A Vida das Flores, edição de David Corazzi, Lisboa. Fasciculos 53 e 54 com dois chromos *Victima de um jardineiro* e *Dedicação pelas flores.* Está quasi a concluir o segundo e ultimo volume d'esta obra cheia de attractivos.

Grutas e cavernas, por Adolpho Badin, versão de João de Oliveira Ramos, obra illustrada com 55 gravuras, Magalhães & Moniz, editores, Porto. É mais um volume da *Bibliotheca das Maravilhas* com tanto exito dada á estampa pelos seus editores os srs. Magalhães & Moniz, que com esta publicação tem prestado um verdadeiro serviço, vulgarisando o conhecimento scientifico das coisas da natureza e da invenção dos homens O livro em questão é dos mais interessantes que a bibliotheca tem publicado.

A Cantadeira das Ruas, por Maria Margarida d'Oliveira Pinto, Clavel & C.ª, editores, Porto. Não sabemos se é uma estreia, pois não conhecemos nenhum outro livro firmado pela auctora d'este, mas o que sabemos é que a leitura da *Cantadeira das Ruas* nos impressionou agradavelmente e nos revelou qualidades litterarias muito apreciaveis, tanto mais para distinguir tratando-se de uma senhora. Estamos convencidos que o livro deve ter agradado geralmente, e que a sua auctora não ficará por aqui, dando-nos repetidas provas do seu bello talento.

A Sociedade Primitiva, por E. B. Taylor, traducção de Teixeira Bastos, Nova Livraria Internanional, Lisboa. É o VIII volume da *Bibliotheca das Idéas Modernas*, uma preciosa collecção de pequenos folhetos ao alcance de todas as intelligencias e de todas as bolsas.

Typ. Elzeviriana — Lisboa.